



MEMÓRIA DIVIDIDA DAS LUTAS POR DIREITOS REPRODUTIVOS. NITERÓI /RIO DE JANEIRO, ANOS 1970/80.

Suely Gomes Costa

É com a experiência vivida no movimento por direitos reprodutivos nos anos 80, no Rio de Janeiro que tenho me aproximado da história das mulheres de diferentes tempos. Emoções e sentimentos aí germinados problematizam a história dos feminismos desse tempo e também de outros tempos. Com eles, atribuo significados a essas experiências. Também localizo aí armadilhas da memória. Vejo como Ortiz (2010: p.7) que as “marcas da memória encerram uma ambiguidade latente, são indelévels e opacas, uma névoa espessa mascara os traços de suas pegadas”. Observo, ainda, que as “recordações nunca são límpidas, elas repousam no fundo de uma tela recoberta por camadas superpostas de tinta”. Como ele, penso essa minha memória, como o pentimento de um quadro que conserva o “vestígio de uma composição anterior, as mudanças feitas pelo pintor, seu arrependimento” percebendo que elas, assim, “encobrem os passos do desenho original”. Nos estudos dos movimentos feministas dos anos 80 do século passado, como militante, no recurso à história oral, aqui e ali, em algumas ocasiões, venho me encontrando com esses limites. Registros hoje coletados assumem sentidos outrora despercebidos, outros são esquecidos. Por isso mesmo, penso nas lacunas que ando semeando por aí. Não cumpro ainda a tarefa de fazer um inventário de coisas que me parecem encobertas/esquecidas; na minha experiência, de quando em vez, tropeço nelas.

Partilho essas preocupações com este plenário. Pensando o presente, ou seja, o futuro daquele passado vivido por mim e tantas de nós, feministas, avalio, por exemplo, sentimentos que produziram as muitas diásporas feministas a cada tempo. Temos falado pouco sobre isso. A noção de “onda” parece favorecer esses acobertamentos quando recortes conjunturais como que demarcam “naturalmente” nossas perspectivas analíticas. Quando me ocupo preferencialmente de conjunturas, de “ondas”, como advertido por Joana Maria Pedro (2009) e, depois, também, por mim mesma (COSTA, 2010), vejo que não tenho escapado do critério que hoje, sei, nem sempre considera o longo tempo histórico, nem os muitos sujeitos em relação; temos feito coincidir periodizações com certos eventos da história dos feminismos. São momentos/instantes que oferecem visibilidade de lutas encarnadas em certos protagonismos feministas. Os eventos são esses protagonismos. Vejo-me diante de um punhado de fatos selecionados dentre muitos e diversos sujeitos sociais e seus muitos movimentos sociais. Em meio a tantos deles, distraio-me;



destaco, então, aqueles que falam dessa ou daquela luta através de alguns poucos protagonismos. Avalio, pois, quanto de invisibilidade essa atitude preserva sobre a dinâmica histórica: processos contínuos e de ruptura de tempos múltiplos e de longa duração nem sempre são evidenciados.

Há indícios de que, nessa via de análise, temos também contribuído para uma dada história institucional dos movimentos, ou para a criação de uma “história oficial” dos feminismos. Desconfio que essa história centrada, em grande parte, nos protagonismos feministas, enseja isso. Verifica-se, por exemplo, no exame de certas ações de mulheres que se associam as de homens da mesma e até de diferentes gerações, caso, por exemplo, das relações de gênero que presidiram e incentivaram lutas por direitos reprodutivos, evidenciadas em ações do Paism (Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher).

Tenho examinado a experiência do Centro de Saúde Santa Rosa, em Niterói, RJ, nos anos 1980-90, inaugurada em 1984. Nela, porém, tenho esquecido a participação direta e segura de Cesar Macedo, médico, então diretor dessa unidade. Apesar da extrema relevância dessa presença na condução das ações aí desencadeadas, esse protagonismo masculino tem sido “eliminado” de meus registros. Há poucos dias, entrei em contato com essa presença, quando, por acaso, encontrei-me com um outro médico com quem trabalhara, nos anos 80, então, um jovem residente de saúde pública nesse Centro de Saúde. Compunhamos uma equipe que, então, introduzia, nesse unidade, inovações cruciais nas regras de atendimento em geral e no nascente PAISM, depois espriadas para outras unidades de saúde do município e do Estado. Abraçando-me com afeto, disse-me algo do tipo: -“Aqueles foram os mais ricos momentos de reflexão de minha vida. Até hoje, orientam minhas ações políticas nessa área...” Só nesse momento, minha memória recupera a presença de Cesar Macedo nessa experiência, Essa presença “masculina”, nesse encontro ocasional, registrando sentimentos largamente favoráveis aos protagonismos partilhados por profissionais masculinos e femininos no âmbito do PAISM e dessa unidade de saúde, traz—me à memória a figura de Cesar Macedo e de outros médicos, esquecidos em minhas reflexões, até então. Por que? Como esse, há registros de “esquecimento” da presença masculina que está, por exemplo, nos incentivos à leitura e à escrita femininas, como eu mesmo já indicara (1993; 2007) e também destacada num livro recente de Márcia Barreiros Leite (2008). Ouso afirmar que essa presença, tantas vezes apagada da historiografia feminista, parece-me repetir, por essa via, a inexorável oposição masculino X feminino que impregna nossos corações e mentes e que reitera a noção de patriarcalismo, paradigma que continua alimentado o conceito de “dominação feminina”. Isso acontece mesmo quando a experiência histórica expõe, cada vez mais, uma pluralidade de



experiências vividas nas estreitas relações de homens e mulheres, nas dissensões entre homens e mulheres, entre mulheres, entre homens, em combinações múltiplas a serem conhecidas. Vejo-me, pois, diante de minha memória que, aqui e ali, esconde processos políticos bem mais complexos. Parece-me indicado, pois, ir além dos protagonismos feministas.

Por outro lado, o SUS e o PAISM de hoje, nessa mesma cidade, revelam que aquelas ações outrora tão ardentemente impulsionadas, hoje estão como que dissolvidas; a impressão é de que nada de sólido criaram e de que tudo se desmanchou no ar... Como condutas de sentidos opostos a elas puderam neutralizar aquelas forças “do bem” e conseguiram imprimir à saúde pública de hoje seus novos e perversos sentidos? Há indícios, por outro lado, de que muitos profissionais da área de saúde presentes nessas nossas lutas, deslocaram seus protagonismos para a defesa dos planos de saúde que aprofundaram e consolidaram a saúde privatizada que temos hoje, em detrimento da tão sonhada saúde pública de (VIANNA; 2008). Vejo-me diante de uma memória que não consegue estabelecer nexos entre esses dois tempos: o presente, visto como futuro dos tempos idos e vividos, e esses momentos do passado de tantas esperanças de igualdade do direito à saúde que, aqui e ali, mostram a presença masculina e feminina em associações íntimas e também em diferentes atitudes nesses dois tempos.

Ouso afirmar ainda que os protagonismos que temos selecionado parecem servir à construção de códigos de culturas políticas repletas de positividade sobre os movimentos “feministas” do passado. Essa experiência, no meu caso, está cooperando com a produção de áreas de vazio não apenas sobre as relações de gênero que avançam, como exemplificado, mas também sobre a compreensão de fatos do presente - o futuro daquele passado (KOSELLECK, 2006), que partilhamos tão cheios de expectativas, esvaídas - mal sabemos por que - apesar dos nossos vigorosos protagonismos feministas. Por que essa memória silencia sobre os rumos de nossas crenças e ações defendidas nesse presente, tempo futuro que também vivo?

Lembro-me, ainda, de muitas tensões de vividas por mulheres, profissionais de saúde que, ao contrário desse médico, negaram-se a participar, por exemplo, de dinâmicas de grupo peculiares aos chamados grupos de reflexão e ação – no caso, pedagogias feministas centradas na linha da vida de cada um (COSTA, 2009) – por não terem sido “treinadas para falar de si”, mas apenas “para ouvir e falar do outro”. Certa vez, essa pedagogia foi identificada por um jovem profissional da unidade de saúde como uma prática exclusiva da área “psi”, cheia de riscos e incertezas, lembrando-me, assim, que seu uso fora desse círculo seria uma infringência a dispositivos do código profissional que lhe caberia denunciar... Há ainda nítidas dissensões



partidárias entre feministas, acentuadas sob o processo de redemocratização do país, mantidas em áreas de sombras. Temos examinado pouco as acirradas divergências sobre o maior ou menor grau de liberdade das equipes locais/municipais do campo da saúde pública na condução de linhas de ação programática centralizadas no âmbito estadual. Conflitos sobre a direção do PAISM entre estado e município, foram expressas, por exemplo, no mesmo centro de saúde, num incidente público, entre Cristina Boareto, diretora da unidade e Maysa Riff, então coordenadora estadual do PAISM, tensão de que recordei após meu encontro com aquele médico...

Centrados nas nossas memórias feministas, depoimentos selecionados, de vários modos, parecem seguir um modelo narrativo que, num mesmo fio condutor, expressam emoções e sentimentos dados sempre como largamente partilhados e com os mesmos significados. No âmbito das lutas por direitos reprodutivos, dissensões entre pessoas e grupos nem sempre aparecem com nitidez, embora delas tenhamos, aqui e ali, algumas notícias, mas “esquecendo” a relevância de seus significados para compreensão das culturas políticas que semeamos. Desse modo, pesquisas que temos feito nem sempre conseguem distinguir a dinâmica dessas culturas que favoreceu e consolidou tantas diásporas feministas: onde estão tensões e conflitos que as produziram no emaranhando dos caminhos políticos? Trata-se, sim de matéria delicada, mas é hora de afiar nossos sentidos e produzir uma história que traga as contradições com que essa experiência tem sido feita. Divergências e lutas no campo das idéias, esse é modo pelo qual essa crítica atuará no aperfeiçoamento de nossos caminhos investigativos sobre experiências humanas tão plurais. Isso fará avançar o processo de tomada de consciência de gênero. Talvez, assim, consigamos saber, por exemplo, um pouco das razões e sentimentos que mudam tantas coisas, como os que presidiram deslocamentos da Revista Estudos Feministas, sediada na CIEC – Escola de Comunicação/UFRJ entre 1992 e 1994, para uma associação com o PPCIS/UERJ entre 1995 e primeiro semestre de 1996, retornando à UFRJ até o primeiro semestre de 1999, para depois para associar-se à UFSC no segundo semestre desse ano, permanecendo, a partir então, com essa última universidade.

Lembro que Giovanni Levi (1996) reforça a contextualização social da biografia como uma dimensão necessária, garantindo-se assim, o equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo. Nessa perspectiva, algo trivial, merece ser sublinhado: lembra-nos, que, à primeira vista, aquilo que parece como caráter irredutível da experiência individual, maneira ímpar de cada indivíduo olhar e situar-se frente ao mundo social, revelaria, também, o quanto a subjetividade é capaz de plasmar e ser plasmada pelo coletivo. Isso me leva ao destaque concedido à leitura das idéias de Simone de Beauvoir no processo de tomada de



consciência de gênero, por exemplo. Registros indicam que muitas de suas leitoras encontraram nele respostas a indagações sobre sua existência. Mas certamente outras, adquiriram *O Segundo sexo*, em seu vol. 1 *Fatos e Mitos*, da 1ª. edição de 1960 e, como eu, podem nunca ter comprado o segundo volume ... Na ocasião, eu o folheeí, marquei alguns trechos e, novamente, depois... Mais recentemente, reli as anotações de época cujo sentido, até esse instante, não consigo desvendar. Sei, apenas que ele não me trouxe qualquer resposta, pois não tinha perguntas a lhe fazer... Os movimentos foram feitos por mulheres que leram e não leram Beauvoir (BAUER, 2006). Se essa leitura não foi o ponto de partida nem meu nem de muitas mulheres de processos de tomadas de consciência e de engajamentos políticos, que outras contingências os promoveram? De algum modo, mesmo com cautelosos estudos de trajetórias feministas, estaremos com nossas pesquisas diante da criação sistemática da “ilusão biográfica” a que se refere Bourdieu (2001)? De que relações sociais foram feitos os movimentos de todos os tempos e o que sabemos delas?

Um livro recente de Elizabeth Badinter ainda não publicado no Brasil, foi notícia na TV nesse maio de 2010. Coloca-nos mais questões. Leio num blog que “Badinter considera que depois da revolução feminista dos anos sessenta se instalou uma ‘revolução silenciosa’ que provocou um retrocesso ideológico relativamente ao papel das mulheres (um regresso ao «naturalismo» na maternidade, a pressão para as mães abandonarem as carreiras ou serem «supermães».)”. No noticiário da TV, ganharam destaque as opiniões de Badinter sobre as tarefas da amamentação que estariam associadas ao compulsório desempenho de supermães e a esse abandono. As opiniões de suas leitoras se dividiram quanto a essas observações: uma parte concordará com a autora e outra discordará da idéia de que ser mãe e estar presente na vida dos filhos possa significar tirania e castigo. Entretanto, do mesmo modo, há tempos atrás, Susan Falludi (2000), faz observações análogas, mas considerando a conjuntura Bush e o retorno das mulheres às obrigações domésticas sob a redução de gastos públicos estabelecida por regras neo-liberais, e, ainda, diante do avanço de religiosidades tradicionais; localiza, nos EUA, o *backlash* dos feminismos, referido agora por Badinter. Recentemente, Debora Seagal (2007), examinando essa mesma experiência norte-americana, verifica a “sororidade interrompida” nos feminismos.... Como temos encaminhado desde o pico da “segunda onda” feminista essas e tantas outras questões evidenciadas nesse “declínio”? Como elas andam entre nós? Talvez estejamos ainda distantes do cume atingido pelo paradoxo da diferença em outras partes do mundo - aquele que tem feito afirmarmo-nos como mulheres para nossas conquistas de direitos e não como pessoas - como indicado por J. Scott (2004). Quem sabe aí possamos localizar razões e sentimentos que, nesse



nosso tempo, preferimos postergar lutas generosas pela universalidade de direitos em benefício de nossas confortáveis causas diferencialistas? Pensar esse conjunto de questões peculiares às culturas políticas implica rever muita coisa da memória que estamos construindo sobre o passado de nossas lutas feministas. É tempo de decidir o modo de pousar um cuidadoso olhar crítico sobre essas e outras tendências de nossas pesquisas e olhar de frente nossas próprias perplexidades. Fiquem esses registros para esses debates iniciais, seguindo a pista aberta pela Profa. Joana Maria Pedro sobre ondas e rizoma, de grande fertilidade para nossas reflexões sobre rumos dos estudos dos feminismos.

Bibliografia

- BADINTER, E. *Le conflit, la femme et la mère*. Paris: Flammarion: 2010. Notícia disponível em mariadostrapos@gmail.com Acessado em maio de 2010.
- BAUER, Nancy. Debemos leer a Simone Beauvoir? Tradução de G. Castellanos. In: GROSHOLD, Emily. *Legacy of Simone Beauvoir*. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2004; *La Manzana de la Discordia*, Ano I Volumen 2, Diciembre, 2006, p. 137-148. Colombia: Centro de Estudios de Género, Mujer e Sociedad/Universidad del Valle, 2006.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. IN: FERREIRA, Marieta, M., AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*, 4ª. edição. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001, p. 183-191.
- COSTA, Suely Gomes. Culturas políticas e sensibilidades: pedagogias feministas, Rio de Janeiro. Anos 1970-80. IN SOIHET, Rachel, ALMEIDA, Maria Regina C., AZEVEDO, Cecília, GONTIJO, Rebeca. *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 352-372.
- _____. Onda, rizoma e 'sororidade' como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século xx)". *Interthesis – Volume 6*, número2/2009. Revista Internacional. Interdisciplinar. Acesso em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/>
- _____. Diário de umas e outras meninas: práticas domésticas e educação. Diamantina, Minas Gerais, fins do século XIX. IN: *Vozes femininas do Império e da República*. LOBO. Yolanda L., FARIA, Lia, (orgs.). Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ. 2008, p. 47-77.
- _____. Diário de umas e outras meninas. (Aportes teóricos sobre o cotidiano feminino. Diamantina, Minas Gerais, fins do século XIX). *Cadernos do ICHF*, N..60, Setembro, Niterói: UFF, 1993.
- FALLUDI, Susan. *Backlash*. O contra-ataque na guerra não declarada às mulheres. Trad. de M. Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- KOSELLECK, R. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de W. P. Maas e C. A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.



LEITE, Márcia M. da S. Barreiros *Entre a tinta e o papel. Memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)* Salvador: Quarteto, 2005.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. IN: FERREIRA, Marieta, M., AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*, 4ª. edição, Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001, p. 167-182.

ORTIZ, Renato. *Trajetos e memórias*. São Paulo: Editora Brasiliense:2010.

PEDRO, Joana Maria. Palestra proferida na Mesa Redonda Estudos de Gênero, Ética e História, no XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, no Auditório do Conselho Regional de Contabilidade, Fortaleza, Ceará, em 14 de julho de 2009.

ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas conseqüências metodológicas. IN: FERREIRA, Marieta, M., AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*, 4ª. edição, Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001, p. 193-200.

SIEGEL, Deborah. *Sisterhood Interrupted: from radical women to girls gone wild (and why our politics are still personal)*. New York: Pgrave Macmillam, 2007. VIANNA, Maria Lucia W. A nova política social no Brasil: uma prática acima de qualquer suspeita teórica? IN; *Praia Vermelha/UFRJ*, n. 18, 1º. Sem. 2008, p.120-145.